

**DE ALUN@ PARA PROFESSOR@:
RITOS DE PASSAGEM NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE
FROM STUDENT TO TEACHER:
RITES OF PASSAGE IN THE CONSTRUCTION OF THE TEACHER'S
IDENTITY**

Cristina Leika Horii⁴

RESUMO

Neste texto analisei minha própria construção da identidade docente, através do conceito “Rito de Passagem” da Antropologia. Inicialmente cunhado na análise de outras culturas, para designar mudanças na posição social de um indivíduo. Especificamente sobre os futuros professores em formação, temos pesquisas como a de Katz (1968) e White (1989) comparando o período do estágio com o momento da liminaridade, proposto por Van Gennep (2011) como o momento em que os neófitos já separados do grupo, vivem um momento a parte da sociedade, para voltar a mesma em seguida. O trabalho de McNamora *et al* (2002) também segue nesta direção e traz contribuições interessantes ao focalizar a complexidade desse período, ressaltando a não linearidade do processo. Pesquisando sobre o início da carreira, na cidade de São Paulo, Ferreira (2005, 2009) retrata, neste sentido, os inúmeros recomeços para as profissionais neste período. O que me levou a análise do meu processo como um rito prolongado, que não se encerra nem com o final dos estágios, nem com a formatura; mas se delonga para os primeiros anos de carteira.

Palavras-chave: Rito de passagem. Identidade docente. Histórias de vida.

1 INTRODUÇÃO

Escrevo este texto faltando pouco mais de um mês para completar 35 anos. Na minha idade, muitas professoras (escrevo no feminino porque sabemos que elas são maioria na carreira docente) já têm mais de dez anos de sala de aula; o que seria de esperar de uma menina que entrou aos 17 na faculdade. Mas, não foi isso que aconteceu. Tive medo. Não me sentia bastante para ser professora. Este capítulo nasce de alguns

⁴ Licenciada em Física e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Mestre em ensino de Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades da mesma universidade. Especialização em Educação em Saúde no Atendimento Escolar Hospitalar: Modalidade Residência pela UNIFESP/GRAACC. Com experiência docente em Hospital Oncológico Pediátrico, na Educação Infantil paulistana e agora como coordenadora pedagógica na mesma rede.

marcos, os quais considero ritos de passagem, desse meu processo de assunção da carreira docente.

2 O COMEÇO

Estando com o giz balançando perfeitamente em seus dedos, e com um tom de voz e uma expressão facial apropriados, ela estava ensinando, insistindo com suas bonecas para prestarem atenção durante essa importante lição. Ela incorporou uma ‘professora’ apropriadamente (VAN FLEET, 1979 *apud* PAJARES, 1992, p. 322, tradução nossa).

Comumente, perguntamos às crianças o que elas querem ser quando crescer, e eu sempre respondi “professora”, às vezes de Matemática, outras alfabetizadoras, para acabar cursando Licenciatura em Física, como minha primeira graduação. Sempre adorei brincar de escolinha, e eu incorporava a professora de tal forma, que deixava de ser um faz-de-conta para ser muito real. Eram lições reais. E o aprendizado também tinha que ser real.

Mas, em algum momento essa confiança se esfarelará.

Prestei vestibular. Passei. Cursei. Me formei... e não assumi. Era licenciada, mas não professora.

3 O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE: UM MOMENTO CRÍTICO

A primeira turma, a primeira vez que você entra e todos te olham. O coração bate como se estivéssemos correndo a maratona. Sentia a responsabilidade do mundo nas costas; tenho que ‘dar conta’. Um medo. Ao mesmo tempo, a empolgação ‘vou poder fazer os projetos que sempre quis’. Um misto dentro de mim, como se todas as cores, se emaranhavam dentro do peito.

A partir de vários estudos que propõem fases para a carreira docente, Jesus e Saul (2004) apresentam um estudo compilatório, apontando duas fases que são particularmente críticas:

- 1º. Período crítico – entrada na carreira: pelo choque entre as expectativas e a realidade;
- 2º. Período crítico – por volta de uma década, década e meia de trabalho: quando a profissão lhe torna rotineira, distanciando-se

afetivamente de seus alunos, para buscar realização externamente a escola, também associada a crise de meia idade.

Sobre o momento de “Entrada na carreira”, Michaël Huberman (2013) no texto “O ciclo da vida profissional dos professores”, aponta dois aspectos como definidores desta fase: ‘sobrevivência’ e ‘descoberta’. Aparentemente excludentes, a ‘sobrevivência’ traduz o período crítico, as dificuldades das mais variadas das questões relacionais, as inseguranças... A ‘descoberta’ traz o entusiasmo com o novo, aquele momento tão aguardado “a minha turma”, ser professor, fazer parte deste grupo. Podem existir perfis em que predominam um aspecto sob o outro, é frequente a convivência entre eles, principalmente em que o segundo fortalece o primeiro.

De modo que por mais que a minha história seja única, angústias e entusiasmos são sentimentos comuns, na profissão docente.

Nos trabalhos de Viviane Ferreirinho (2005; 2009) a autora relata as dificuldades ao início da carreira também na realidade brasileira, especificamente na cidade de São Paulo, ressaltando os inúmeros recomeços neste período, seja pelas mudanças entre instituições particulares e destas, depois para a pública. E uma vez concursadas, demoram para se efetivarem em uma escola específica pulam de uma para outra, chamadas de escolas de passagem (geralmente situadas nas periferias, com maiores índices de violência). E mesmo em tais locais, costumam ficar com as turmas consideradas piores. A partir do conceito de ‘campo’ de Bourdieu, a autora desenvolve o espaço escolar, como possuidor de linguagens próprias e relações de poder, cabendo o novato desvendá-las, sozinho.

4 RITOS DE PASSAGEM

Foi pela tarde, umas 15h, na internet discada, que chiava ao se conectar, abri com lerdeza o site da FUVEST. E foi lá que encontrei o meu nome. Entre risos e lágrimas, amigos e familiares me pintavam e escreviam “bixete”, “USP”, “Física”.

O que entendemos por rito? Ritual? Cerimonial? Será que temos espaço na sociedade atual para tais acontecimentos?

Mesmo que não tenhamos uma definição consensual entre os antropólogos, existe algo em comum entre os vários autores. Encontramos ritos em todas as sociedades porque somos seres semióticos, e necessitamos do processo de criação de

símbolos (SEGALEN, 2000). Etimologicamente, Rito se refere a uma ordem já existente, algo que harmoniza as relações. Já as distinções entre rito, ritual e cerimonial são nebulosas (SEGALEN, 2000; RIVIÈRE, 1996).

Durkheim foi o primeiro a associar rito a religião, o que objetivamente significou como algo a ser analisado seriamente. Antecessores consideraram os ritos como meros fatos de superstição. A análise sociológica da Religião, por sua vez, revelaria como esta não só é produto da estrutura social, como parte importante da manutenção social. A religião e o rito constituiriam quase que uma oposição Teoria e Prática. A primeira seria a reflexão de uma meta-representação da sociedade. Enquanto rito seria a ação, como a sociedade se mostra, através das operações materiais. Como a técnica religiosa fundamenta-se na oposição religioso-profano; a partir das refreações dos prazeres, se protegeria o sagrado. De modo que, Durkheim associa o religioso ao coletivo, e o profano a posição individualista (MAISONNEUVE, 1996; CAZENEUVE, 1985).

A crítica que Levi-Strauss faz a teoria durkheimiana é a dependência ao suporte sócio-afetivo, que produziria estudos mentais coletivos e sentimentos comuns (MAISONNEUVE, 1996).

O rito, ao enunciar como deve-se comportar em relação do sagrado, estreita a relação do indivíduo com deus (que não é outro se não a própria sociedade). Na periodicidade do rito, recria-se o ser moral necessário para o seu funcionamento. Esta periodicidade organiza os tempos sociais entre tempos profanos e sagrados (MAISONNEUVE, 1996).

No dia do meu aniversário de 22 anos, foi também o da minha coleção de grau. De beca, eu e meus 20 e poucos colegas, adentramos o auditório, e caminhamos entre a plateia (formada por amigos e familiares) que aplaudia de pé. Discursamos. Pegamos o canudo. Juramos, como nos comportaríamos a partir do que nos foi ensinado. Pulamos em meio a chuva de confetes. O que seria o juramento se não uma forma de controle social? Recriamos o ser moral.

O folclorista Arnold Van Gennep foi o fundador da moderna etnologia francesa (RIVIÈRE, 1996), e talvez o primeiro a se dedicar especialmente aos ritos de passagem. Como Durkheim, Van Gennep buscava relacionar o rito com a estrutura social. Mas a metodologia usada por ele, foi considerada revolucionária, porque, ao invés de analisar

pequenos momentos do rito, e comparar entre as diversas culturas, analisou o rito como um todo dentro da sociedade.

Van Gennep (2011) percebeu que havia certa ordem nos ritos de passagem:

1°. Separação: Na ruptura com a sociedade, o sujeito passa por uma morte simbólica, para deixar de ser quem era.

2°. Margem (liminar): Durante esse momento de transição, a parte da sociedade, ele vai aprender novos esquemas de pensamento, para uma nova maneira de ser.

3°. Agregação: Como na separação ele passou por uma morte simbólica, na reintegração passa por uma ressurreição simbólica; numa cerimônia pública assume uma nova posição social (normalmente superior).

Esta divisão se tornou clássica para a análise dos Ritos de Passagem na Antropologia.

Não é uma sequência estagnada, pode ter variações entre elas; e a importância de uma das fases pode depender do rito. Por mais que durante o processo o ator passe por uma morte e ressurreição simbólica, a mudança é considerada mais do que metafórica, mas, real. Por isso que o rito é considerado eficaz para manter a ordem social. Não à toa, para manter a sociedade da maneira como está, os ritos têm como características: repetição, redundância e reafirmação.

No meu primeiro dia de estágio obrigatório para a disciplina de Metodologia do Ensino de Física, era a segunda ou terceira aula do dia, entrei e me sentei ao fundo em uma carteira vazia. Uma das alunas me disse “aluna nova, e já chegou atrasada?!”, expliquei que era estagiária. Que lugar é esse? A licencianda. Você não é aluna, mas, ainda não é a professora.

Victor Turner se dedicou a uma das fases do rito de passagem: o liminar, que por ser um momento de transição, tem características específicas. Os liminares, pessoas em passagem, “(...) são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural” (TURNER, 2013, p. 98). Estão fora da estrutura, numa anti-estrutura. Estão entre, mortos no mundo dos vivos, não são mais o que eram, e ainda não são o que virão a ser depois do ritual. Geralmente os liminares precisam passar por provas, com perigos imaginários, com comportamento passível e humilde. São reduzidos, como que para esquecerem o que foram, para que aprendam novas habilidades que serão úteis para as novas responsabilidades que serão

úteis para as novas responsabilidades, pós-ritual. Por isso, o rito tem um valor ontológico. O grupo que passa por essa experiência desenvolve uma certa camaradagem, às posições antigas não contam mais, são todos iguais, seres humanos totais. Em um relacionamento não estruturado que Turner denomina *communitas*. Essa oscilação entre estrutura (ordem rígida) e anti-estrutura (improviso, flexível) é como Turner concebe o processo que é a sociedade.

Rito e Identidade: Por mais que o rito revele as relações e condições, abre pouco espaço para redefinições, de modo que faz a manutenção da ordem social, com suas hierarquias e diferenças. Ora se o rito legitima a relação de forças, constrói propositalmente expectativas passíveis de serem realizadas, na condição social do sujeito; quais seriam as expectativas depositadas nas professoras?

Identidade: “Quem sou eu?” talvez fosse uma pergunta “fácil” de responder há alguns séculos atrás, até mesmo óbvia. No entanto, ela vem se tornando cada vez mais perturbadora. Esta crise de identidade é consequência da mudança estrutural que sofre a sociedade, que com sua rigidez anterior fornecia também sólidas posições sociais para os indivíduos, passamos para um “duplo descolamento – descentração dos indivíduos tanto dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo” (HALL, 2014, p. 10).

Na concepção sociológica, a identidade ocuparia a camada que envolve esse núcleo primário, mas comprimida pelo externo, ou seja, é uma camada entre o totalmente interno e o totalmente externo. No entanto, diferente do sujeito do iluminismo, não é imutável. Ao contrário, se modifica constantemente pelas pessoas que formam o ‘grande’ Outro. E na busca por agradar o Outro, desenvolvemos um grande ‘poder’ de ajustabilidade. Tão potente que ‘compramos’ os valores dessa estrutura externa, como se fossem originalmente nossos. Assim alinhamos “nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2014, p.11). No entanto, vivemos um momento (momento, porque são processos temporais, consequentemente históricos) em que essas estruturas internas não estão tão sólidas, junto com seus processos elas se deslocam e as identidades, sem clara referência externa, não nos oferecem o conforto anterior de saber qual o nosso papel objetivo na sociedade. Agora, multifacetadas, vivemos e convivemos com múltiplas identidades, às vezes contraditórias, muitas temporárias.

As múltiplas identidades do sujeito são em pequena escala, o que é a sociedade pós-moderna com estrutura deslocada, sem um núcleo fixo, ou ainda com vários. De modo que, continuamente o sujeito está se organizando e reorganizando, com muitas descontinuidades no seu próprio interior. Com essa constante transformação dos espaços é difícil que cada indivíduo consiga dar sentido para sua experiência particular (HALL, 2014).

Identidade e Rito: O lado positivo da descentralização, é a flexibilidade para as novas identidades que se configuram ao redor dos novos centros, que estão se tornando mais privados porque cada um a personaliza, para o que lhe faz sentido. No entanto, Martine Segalen (2000) nos alerta que toda interpretação atualmente, depende apenas do próprio sujeito, de modo que “privam o indivíduo de um apoio coletivo, quer se trate de parentes ou vizinhos, e deixam-no, muitas vezes, na sua solidão íntima face a passagem do tempo” (p. 44) e as muitas posições sociais que o sujeito se vê exercendo, mas não conseguiu atribuir sentido.

Ritos de Passagem na Formação Docente: Já em 1968, Katz publicou um estudo intitulado “Rites of Passage and Teacher Training Processes” em que compara a formação do professor, especificamente o momento do estágio com o trabalho clássico de Van Gennep, sobre os ritos de passagem. Separação dos alunos para ir à escola. Transição (Margem), o estágio em si, em que os futuros professores relatam ter passado por humilhações, como também apontado pelo folclorista. Por fim, a Agregação, término do estágio, em que os neófitos são re-incorporados à sociedade.

Também White (1989) pesquisou a formação de professores, com base nas Teorias do Rito de Passagem. A autora mostra que após os estagiários começarem a se sentir confortáveis, também começam a refletir sobre a própria prática em comparação com a de seus colegas, buscando “o que funciona”. A conclusão do estudo aponta para a necessidade de um aprendizado corporal para atuarem como professores.

Um estudo mais recente de McNamara *et al* (2002), abordou os ritos de passagem na formação inicial do contexto inglês, no momento em que o governo impôs o “Numeracy Skills Test” que junto com os outros testes, enviam mensagens conflituosas ao estudante e ao professor da universidade. Os autores propõem um modelo em que a fase de transição é não-linear, e formada por muitos entremeios, do ser estudante ao se tornar professor.

A nossa experiência é de que a segunda (limiar) e a terceira (agregação) fases são de difícil distinção entre elas, mas que alguns são momentos importantes: o estágio obrigatório, auxiliar de classe (estágio remunerado), passar num concurso, ser a professora responsável da sala.

O meu primeiro dia como professora na Prefeitura de São Paulo, era uma segunda-feira, início do segundo semestre depois do recesso. Passei para o cargo de Educação Infantil, e por isso estava em um Centro de Educação Infantil (CEI), atendendo bebês e crianças entre 0 e 4 anos de idade. Logo descobri que uma professora não vinha, e deveria assumir seu lugar. E assim, me vi professora.

Identidade docente: O estudo de Oliveira *et al* (2006) sobre uma formação para profissionais já atuantes nas creches paulistanas, curso este que aconteceu em um momento histórico na educação da cidade, em que as creches migraram da Secretaria de Assistência Social para a Secretaria de Educação. Este movimento denota uma nova concepção de Educação Infantil, especialmente no atendimento das crianças de zero à quatro anos. Para além do cuidar, passou para a indissociabilidade do educar e cuidar; como um direito da criança de se desenvolver globalmente, mais do que um direito da mãe trabalhadora. As autoras apontam mudanças significativas na prática e na concepção da prática, por parte das educadoras, dentre as quais: a consciência de uma intencionalidade educativa e por consequência a ressignificação no relacionamento com as crianças. Estas novas atitudes estão relacionadas à novas identidades.

[...] a construção da identidade é compreendida como um processo contínuo que ocorre no fluxo das atividades sociais. Mais do que instâncias estanques, as identidades precisam ser compreendidas dentro de relações carregadas de poder e, por isso mesmo, ser caracterizadas como relação de subordinação, cooperação ou competição, a depender do contexto e dos interlocutores. (OLIVEIRA *et al*, 2006, p. 553).

Percebemos assim uma forte relação da identidade docente e a experiência proporcionada no exercício prático da docência. Corroborando com as nossas entradas ao campo em que os docentes associaram em seus relatos o “sentir-se professora” com “ter uma sala” mesmo com as variações em relação a confiança e segurança em suas ações. Associaram também um aprendizado mais efetivo da profissão, a prática, ao aprender fazendo. O que nos levou a uma situação que nos parece paradoxal, entre as professoras que atuam na educação formal e ao mesmo tempo, questionam a

importância desta categoria de formação. No entanto, neste artigo as autoras apontam a importância da qualificação formal para as educadoras gozarem do status, até então lhes negado, de professora, para muito além de cuidadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passei por diversos ritos de passagem que marcaram minha multifacetada identidade. Para além de burocrática, cada rito marcou meu processo de assunção profissional. Me colocou sob diferentes olhares, que contribuíram para como eu mesma me vi e me constituí.

Se por um lado, legalmente o diploma é o que nos habilita a exercer a docência em escolas regulares. A palavra ‘professora’ é usada de forma muito mais ampla em nossa sociedade, a pessoa que sabe algo e ensina a sua comunidade, seja costura, futebol... por vezes, até banal. E por que relutei tanto?!

Paradoxalmente, cada rito me trouxe legalmente mais direitos, socialmente mais status; mas, dentro de mim, mais insegurança.

Como dizia Paulo Freire (1996, p. 107) “Ninguém vira autônomo para depois decidir”, cada rito foi o exercício de me constituir. E confiante/consciente e que posso mais, sigo me constituindo.

REFERÊNCIAS

CAZENEUVE, J. **Sociologia do Rito**. Portugal: Rés-Editora, 1985.

FERREIRINHO, V. C. Práticas de Socialização de professores iniciantes na carreira, quem é o iniciante? **28^a. Reunião da ANPEd**, 2005, Caxambu. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/gt14.htm>. Acesso em 29 de nov. 2015.

FERREIRINHO, V. C. **Trajetórias de professores na carreira e percursos na cidade: estudo sobre a socialização de professores na carreira do magistério**. Tese. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013.

JESUS, S.; SANTOS, J. Desenvolvimento Profissional e Motivação dos Professores. **Educação**, ano XXVII, n.1 (52), p.39-58, Jan./Abr. 2004. pp.39-58.

KATZ, F. E. **Rites of Passage and Teacher Training Process**. 1968. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED028125>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MAISONNEUVE, J. **Os rituais**. Portugal: Rés Editora, 1996. (Coleção Cultura Geral)

MCNAMARA, O.; ROBERTS, L.; BASIT, T.; BROWN, T. Rites of Passage in Initial Teacher Training: ritual, performance, ordeal and Numeracy Skills Test. **British Educational Research Journal**, V. 28, N.6, 2002. p.863-878.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. *In*: GAGLIASE MC, F. J.V. (Orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed Unijuí; 2005. p. 85-114.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de O. *et al.* Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p. 547-571, set./dez. 2006.

PAJARES, M. F. Teacher's Beliefs and Educational Research: Cleaning-up a messy construct, **Review of Educational Research**, v.62, n.3, p.307-32, 1992.

RIVIÈRE, C. **Os rituais profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais**. Portugal: Publicações Europa-América, 2000. (Coleção Saber).

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Antropologia).

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Antropologia).

WHITE, J. J. Student Teaching as a Rite of Passage. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 20, p. 177-195, 1989.